

**O ensino de História em lugares de memória :
A Educação Patrimonial como referencial .**

Karina Saraiva*

Biofísica/PPGE/FE/NEC

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho foi criado no ano 2000 não somente com objetivo de preservar a memória e acervo do Instituto de Biofísica da UFRJ mas com a missão de atuar como um espaço não formal de educação que desenvolve uma série de atividades junto aos alunos da educação básica. O fundador do Instituto de Biofísica no ano de 1945 hoje é lembrado por alguns de seus colegas ainda vivos e bastante atuantes no Instituto e por toda a comunidade acadêmica. Carlos Chagas Filho ingressou na faculdade de medicina com apenas 17 anos e desde que iniciou seus estudos sempre percorreu os corredores da antiga Universidade do Brasil hoje UFRJ. Primeiramente estudou na faculdade de medicina localizada no campus da Praia Vermelha por onde esteve por muitos anos até a década de 70 quando a mesma foi demolida. Fundado em 1945 o Instituto de Biofísica permitiu que Chagas Filho fosse reconhecido como um dos grandes divulgadores da ciência no Brasil além de fundador do instituto que hoje recebe seu nome. Reconhecido não somente como filho de Carlos Chagas, hoje é possível perceber através de relatos de historiadores e pesquisadores que esse cientista foi mais do que “o filho” do médico Carlos Chagas. Desistiu da carreira médica ainda jovem logo após sua formatura, percorreu outros caminhos que não os trilhados por seu pai e irmão Evandro Chagas dedicando-se intensamente ao universo da pesquisa. De fato, ele escreveu seu nome na História e é lembrado como pesquisador atuante e grande divulgador da ciência no Brasil e no mundo. Em seu livro, *Aprendiz da ciência*, faz menção a um episódio singular, ocorrido ao final do curso médico por volta de 1931, fato este que considerou como determinante da sua reorientação profissional. Trata-se da conferência feita por Emmanuel Fauré-Fremiet, professor de Embriogênese Comparada, no *Collège de France* (Almeida, 2002), em visita ao Brasil, sobre “a cinética do desenvolvimento”:

* Historiadora e coordenadora do setor educativo do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) localizado no Instituto de Biofísica da UFRJ e mestranda da Faculdade de Educação (PPGE –NEC)

“(...) Falou ele sobre (...) fenômenos biológicos não só analisados matematicamente como, também, interpretados à luz de conhecimentos físicos e químicos. Fiquei deslumbrado, pois tomei conhecimento de que os fenômenos que eu estudava (...) podiam ser aprofundados em nova dimensão. (...) Concluí que ali estava o caminho que eu queria seguir (...): passar da patologia médica ao estudo da essência dos fenômenos celulares.”

(Chagas Filho, 2000, p.38)

Ingressou na universidade porque afirmou possuir uma inclinação para tal. Almeida (2008) descreveu as razões das pesquisas no espaço da universidade e em seus artigos destacou que Chagas Filho dizia que o chamamento para universidade continha um encanto adicional, reconhecido por ele desde jovem pelo fato de não ter encontrado em Manguinhos: o convívio com o ensino e uma jovem população de estudantes, a partir da qual poderia ser eventualmente constituída a futura equipe de trabalho. Ao ser indagado a respeito das razões de haver escolhido a universidade, Chagas Filho responde: “Porque eu queria ter alunos...eu queria ter um *pool* de alunos para cair [sic; também caberia *sair*] para a pesquisa” (Chagas Filho, 1987, 2a entrevista, p.60, 61, 23 fev. 1987). Desde o ano de 2000 o EMCCF preserva o escritório e acervo pessoal desse cientista além de expor equipamentos científicos do século XIX. De fato, ele que nos deixou importantes trabalhos sobre ciência e cultura, com suas palavras motiva os educadores inseridos nesse projeto que recebem semanalmente grupos de estudantes da educação básica. Ele que em 1956 pronunciou a frase: “*Na universidade se ensina porque se pesquisa*” (Chagas Filho, 1956) inspira uma série de pesquisadores não apenas no Instituto que fundou em 1945, hoje Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, mas por todos aqueles que conhecem um pouco de suas produções e ou trabalham inspirados nas idéias desse grande cientista e educador.

Lugares de memória como espaços de lembrança

Segundo Pierre Nora (1993), memória e história são conceitos que tem significados distintos apesar de complementares, segundo ele os Lugares de Memória se

constituem a medida que essa memória acaba por conduzida pela história. ”Se habitássemos ainda a nossa memória não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela História (...) Desde que haja rastro, distância, mediação, não estaremos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.”(NORA,1993, p8). Ainda segundo ele, essa diferenciação só é possível, pois a memória é um absoluto já a história o relativo.

“O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo.” (NORA, 1993, p.7)

Em seu artigo “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” escrito em 1993, ele descreveu que a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história e justificou a criação desses espaços porque não haveria melhores meios que estes para lembrarmos eternamente do passado. Ele destacou e analisou a modernidade e a introdução de um novo momento onde a memória volta-se para herança de sua própria intimidade e paulatinamente para o que ele denomina de película efêmera da atualidade.

Nova Museologia e uma proposta de Valorização do Patrimônio Cultural

A nova museologia tem início aproximadamente na primeira expressão pública e internacional em 1972: “Mesa- Redonda de Santiago do Chile” organizada pelo ICOM. Este movimento afirma a função social do museu e o caráter global das suas intervenções. Foi a Declaração de Quebec que estabeleceu os novos princípios de base da nova museologia. Esse novo pensamento deixou de privilegiar o objeto em si, passando a tentar compreendê-lo como suporte de memória e mediador das relações, contribuindo dessa forma para uma nova valorização aos objetos museológicos, ampliando, assim, sua possibilidade de alcance. Segundo Mario Chagas (2007), o Movimento Internacional da (MINOM) que se organizou nos anos oitenta além de novas experiências museais desenvolvidas em outros países como França, México, Suíça, Portugal, viria configurar

um novo conjunto de forças que esse autor destaca como capazes de ampliar simultaneamente o “bastião museal e a cidadela patrimonial”.

“Não se tratava mais, tão-somente, de abrir os museus para todos, mas de admitir a hipótese e de desenvolver práticas em que o próprio museu, concebido como um instrumento ou um objeto, poderia ser utilizado inventado e reinventado com liberdade, pelos mais diferentes atores sociais. Por essa estrada, o próprio museu passou a ser patrimônio cultural e o patrimônio cultural uma das partes constitutivas da configuração museal.”(CHAGAS,2007)

Biografia e Arquivo Pessoal – Uma possibilidade de aprendizado em Lugares de Memória

A valorização da História Cultural permitiu que a biografia fosse estudada com ainda mais ênfase principalmente no final do século XIX. Muitos pesquisadores refletiram acerca do rigor das pesquisas realizadas através da análise da biografia. No nosso caso além da história de vida, o que inspira olhares atentos de pesquisadores e visitantes são as preciosidades contidas no arquivo pessoal desse cientista. Desde diplomas e medalha até cartas deixadas por suas netas e uma curiosa coleção de óculos, tudo isso desperta interesse de quem chega ao museu. Segundo Ana Luce Girão pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, “Um arquivo pessoal está longe de ser uma biografia, mesmo porque lhe falta a retórica, inerente ao trabalho do historiador, ou o estilo literário do escritor” (Girão, 1995, p.1) No entanto ele não deve ser comparado a um simples vestígio, pois representa um importante material da memória. “A história de vida é uma dessas noções que entraram como contrabando no nosso universo científico” (Bourdieu, 1996, p. 183) essa frase destaca a importância da biografia/trajetória dos sujeitos para ciência. Outros autores como Giovanni Levi também destacam em suas produções a utilização de arquivos pessoais e sua importância social.

“Nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de documentos alimenta não só uma renovação na história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano.” (Levi, 1996, p. 169).

O que de fato me encanta e desperta o interesses de muitos pesquisadores na pesquisa com arquivos pessoais é a possibilidade de conhecer algumas características do sujeito pesquisado e compreender parte do seu cotidiano. Além da percepção das singularidades existentes entre sua obra e seu arquivo pessoal que permitem que setores educativos pensem atividades para todo o público visitante do museu.

Educação Patrimonial em lugares de memória.

Moura Santos (2002) descreveu a importância da educação em Museus, que deve ser visto segundo ele, como um espaço privilegiado onde é possível concretizar as propostas de intercâmbio com as diversas áreas. Nesse espaço temas são potencializados para desenvolvimento de pesquisas, de preservação e comunicação, reconhecendo sua inserção na categoria de patrimônio cultural, instrumento de educação para o desenvolvimento social. Portanto o papel social do museu está intrinsecamente relacionado às nossas atitudes diante do mundo, como pesquisadores e educadores.

Ana Maria Monteiro, pesquisadora da Faculdade de Educação da UFRJ é uma das pesquisadoras inseridas no Núcleo de Estudos do Currículo (NEC) do qual sou pesquisadora. Ela coordena atualmente um projeto de pesquisa que além de estudar a formação docente dedica-se a análise dos discursos utilizados por professores durante as suas aulas. Posso afirmar que as leituras realizadas no grupo muito me auxiliaram na compreensão dos discursos dos educadores do museu fato que me permitiu escrever esse artigo. Essa autora ainda escreveu sobre a importância do museu para o ensino à medida que o museu estabelece um *diálogo iluminador do presente e do passado* e possibilita o conhecimento sobre culturas de diferentes sociedades. Essa diferença acaba por se manifestar nas instituições, organização política e atribuir significados dos povos

de diferentes tempos e lugares, além disso, Monteiro ainda defende o ensino de História em outros lugares que não a sala de aula.

“Muito além de conservação da cultura material, os museus, através da exposição de seu acervo organizado a partir de diferentes conceitos, criam oportunidades para desconstruir verdades estabelecidas, instigar questionamentos e despertar o interesse para a diferença, pela experiência do outro, de forma a buscar compreender alternativas e construção histórica da vida social em perspectivas crítica”

(Monteiro,2009,p.2)

Circe Bittencourt é outra autora que dedica um capítulo extenso do seu livro a questão das novas propostas curriculares para o ensino de História, é possível perceber algumas características que nos permitem refletir nossa prática enquanto professores. Segundo ela, nossos currículos seguem modelos externos como os da França e atualmente tem sido objeto de diversas análises tanto políticas quanto sociais. A reformulação curricular data da década de 80 e pautou-se no atendimento às camadas populares e uma maior democratização da escola e da cultura. Os textos passaram a apresentar fundamentações teóricas sobre conhecimento histórico, buscou-se a legitimidade da implantação dos currículos junto aos professores procurando diluir formas de resistência, redefinição do papel do professor que recebeu maior autonomia no seu trabalho pedagógico. Ela também destaca um capítulo direcionado a temática do patrimônio, essa preocupação com a educação do nosso patrimônio não é uma temática tão atual como muitos imaginam. Durante os anos vinte, Mario de Andrade com o advento da modernidade, já atestava valor ao nosso Patrimônio como forma de constituição de uma identidade nacional, reconhecimento do valor de nossa cultura e suas múltiplas dimensões. Oriá (1993) consultor legislativo da área de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e doutorando em História na UNB, desenvolveu pesquisas sobre o Patrimônio Histórico de Fortaleza. Ele, em suas produções, destacou a necessidade da inserção desta temática nos currículos e ainda enfatizou a Educação Patrimonial como possibilidade de educar nossas crianças e jovens de maneira consciente e diversificada.

“Por educação patrimonial, entende-se a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas - os lugares de suporte da memória – no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da preservação desses bens culturais” (BITTENCOURT, 1998, p.141)

Esse autor afirma também que existe uma necessidade de inclusão dessa temática nos currículos escolares de todos os níveis de ensino e introdução de conteúdos programáticos que tratem do conhecimento e conservação do Patrimônio Histórico. Ele defende que sejam feitos cursos de aperfeiçoamento e extensão por parte dos professores e estudantes como meio de fornecer informações acerca do acervo cultural para conscientização de preservação da memória histórica e interesse pelo assunto. A utilização do acervo cultural inserido no estudo do currículo se faz necessária visto que segundo afirmou, Lemos julga existir uma falta de esclarecimento no que se refere a preservação do Patrimônio, afirma a existência de uma “deseducação coletiva” que só será modificada quando surgirem novos projetos educacionais voltados para essa temática. O México, por exemplo, é um dos poucos países da América que desenvolve uma educação de massa que prioriza o respeito e valorização da memória coletiva. Congressos realizados no Brasil aprovaram resoluções que demonstram preocupação com o assunto. Segundo Maria de Lourdes Horta (op.cit) a Educação Patrimonial provoca situações de aprendizado à medida que enfatiza uma necessidade de repensar o passado para compreender o momento atual.

“O conceito mais abrangente de Patrimônio Cultural abre perspectivas de adoção de políticas de preservação Patrimonial (...) A preservação do Patrimônio Histórico Cultural deve pautar-se no compromisso de contribuir com a identidade cultural dos diversos grupos que formam a sociedade nacional.” (Bittencourt, 2008, p.278)

Diante disso penso na articulação entre a educação formal, definida pela maioria dos autores como a educação que ocorre no espaço da escola, institucionalizada, regada

e que segue um calendário rígido. Apesar do museu, instituição não formal também possuir algumas características da escola é definida pelos autores como espaços não escolares o que apresenta um diferencial. Segundo Trilla a educação não formal insere lugares dotado de processos intencionais, metódicos e diferenciados, mas que não constitui formas estritas e convencionalmente escolares (Trilla,1985).

Como ensinam os educadores do museu Espaço Memorial Carlos Chagas Filho?

Aplicação da Metodologia da Educação Patrimonial.

Para aplicação da metodologia de pesquisa se fez necessária uma análise das atividades realizadas pelos educadores e para isso foram observados pressupostos definidos por Chevallard como Transposição Didática e por Simonneux e Jacobbi, como Transposição Museográfica. É fato que esses pressupostos existem no interior do espaço museal assim como a pedagogia museal. Essa pedagogia museal, segundo Valente (1999) seria determinada pela relação entre os diferentes saberes que constroem o discurso expositivo. Saberes esses, que passariam por um processo de transposição didática/museográfica, realizada pela equipe de educadores do museu, os quais, através de um processo de musealização, permitiriam que os saberes se tornassem comunicáveis. Nesse caso, os educadores e mediadores seriam os atores do processo da transposição didática, no qual o conhecimento exposto no museu passaria a ser compreendido pelo público de maneira que entendessem claramente a mensagem que se pretende transmitir. Todas as relações estariam ocorrendo dentro de um contexto social e sendo influenciadas diretamente por ele. Este modelo proposto e em construção foi elaborado com base nos estudos na área de pedagogia em museus e nos dados obtidos na pesquisa em questão.

Pensamos em aplicar a metodologia da Educação Patrimonial frente ao potencial interdisciplinar do museu em questão. A visita composta por três momentos recebe os alunos para visita guiada, para a realização de práticas de física experimental e finalmente em um laboratório do Instituto. A equipe de educadores do Espaço é composta por uma coordenadora que é Técnica em Assuntos Educacionais/Historiadora, 3 bolsistas graduandos de História que guiam os alunos e no Espaço e o Curador do Museu formado em Medicina e Direito que é responsável pelas práticas de física experimental.

Maria de Lourdes Horta (1999, 2006), museóloga e servidora pública federal, permaneceu dezessete anos à frente do Museu Imperial e pensou uma metodologia própria a educação no museu. De acordo com essa autora, essa temática deveria envolver não somente a rede escolar, mas toda a comunidade local, família e empresas que valorizassem toda a importância da preservação do nosso patrimônio. Sua inserção no currículo permite a prática da cidadania e diálogo entre gerações. Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária do conhecimento e enriquecimento individual e coletivo para investimento das fontes secundárias. Para que se consolide a preservação sustentável desses bens e se fortaleça o sentimento de identidade e cidadania o currículo precisa oferecer ao aluno subsídios para que ele construa seu pensamento, seja crítico e se aproprie conscientemente do Patrimônio Cultural Brasileiro. A palavra Patrimônio significa algo que foi herdado e deve ser usufruído por todos os estudantes que um dia irão transmitir essa noção de preservação para os mais jovens. Aos professores cabe a missão de valorizar todo conteúdo e ensinamento que é oferecido ao seu aluno, para que eles encontrem diversos motivos para ler, estudar e pesquisar e para que o professor possa ensinar o real motivo de estudar.

Segundo Horta a **metodologia proposta** se estrutura sobre determinadas **etapas**, caracterizadas por diferentes recursos pedagógicos, visando **objetivos definidos** para cada uma. Podemos verificar no quadro abaixo que essas etapas seguem uma ordem, no entanto podem, modificar-se dependendo das respostas e iniciativas das crianças. Ela sugere que antes de iniciar o trabalho com qualquer dos temas se estude sobre eles. É importante a realização de uma conversa prévia com os técnicos do Museu, do Instituto do Patrimônio e com membros da comunidade. Ela sugere que sejam definidos os **objetivos** educacionais e os **resultados que se pretende alcançar**. Indica a escolha das **habilidades, conceitos e conhecimentos** que espera que os alunos assimilem. Inclusive sugere que se pense em uma forma de avaliação de modo que outros alunos participem, como por exemplo, em forma de trabalhos que sistematizem seu aprendizado como trabalhos escritos, apresentação, feira dentre outros. A preparação é importante, mas avaliação também é fundamental pois a maioria das crianças vai sentir que aproveitou mais a experiência se tiver um produto final tangível. Um vídeo, uma dramatização ou uma pequena exposição das fotos, textos e trabalhos feitos podem

documentar todo o processo, além de possibilitar a **discussão pedagógica** entre os profissionais. Apresentações e entrevista com outras pessoas, também podem ser alguns recursos para multiplicar e reforçar o trabalho realizado, promovendo a **integração das crianças com a comunidade** escolar, familiar e da vizinhança.

Etapas	Recursos/ Atividades	Objetivos
1) Observação	exercícios de percepção/ sensorial, por meio de perguntas, manipulação de objetos, medição, anotações, dedução, comparação, jogos de detetive, etc.	identificação do objeto: função/ significado; desenvolvimento da percepção visual e simbólica
2) Registro	desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas, modelagem, etc.	fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da análise crítica; desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional
3) Exploração	análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão questionamento, avaliação pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, documentos familiares, jornais, revistas, entrevistas, etc.	desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados
4) Apropriação	recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meio de expressão, como a pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo, exposição em classe	envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural

No entanto como a ênfase da nossa pesquisa foi dada aos *saberes mobilizados pelos educadores para ensinar História em lugares de memória* a aplicação da metodologia consistiu na *realização e registro de perguntas e respostas frente à análise de um objeto ou fenômeno cultural*. Tendo como principal parâmetro o item 1 do quadro anterior visto que não tivemos tempo necessário pelo menos no museu para realização das outras etapas. Optamos pela utilização de um roteiro fornecido pela própria autora.

Investigando um objeto cultural. Principais aspectos a observar e perguntas direcionadas aos alunos visitantes:

Aspectos físicos/materiais
Outras perguntas:

O que parece ser este objeto? (função/uso)
Que cor tem?
Que cheiro tem?
Que barulho faz?
De que material é feito?
O material é natural ou manufaturado?

	O objeto está completo? Foi alterado, adaptado ou consertado? Está usado?
Modo/ processo de construção Outras perguntas:	Como foi feito? Onde foi feito? Foi feito à mão, ou à máquina? Foi feito em uma peça única, ou em partes? Com uso de molde, ou modelado à mão? Como foi montado? (com parafusos, pregos, cola encaixes...).
ou	
Função/uso Outras perguntas:	Para que foi feito? Quem o fez? Para que finalidade? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado? Por quê?
Desenho/ forma Outras perguntas:	O objeto tem uma boa forma? é bem desenhado? Ele é bem adequado para o uso pretendido? De que maneira a forma indica a função? O material usado é adequado à função? É decorado, ornamentado? Como é a decoração? O que a forma e a decoração indicam? Sua aparência é agradável? Por quê?
Valor/significado Outras perguntas:	Quanto vale este objeto? Para as pessoas que o fabricaram? Para as pessoas que o usam (ou usaram)? Para as pessoas que o guardaram? Para as pessoas que o venderam? Para você? Para um Banco? Para um Museu?

No Espaço Memorial a realização dessa atividade teve início em Maio de 2010. Os mediadores (licenciandos de História) escolheram três objetos do arquivo pessoal do Dr. Chagas, mas que não fazem parte do cotidiano dos alunos do século XXI e fizeram perguntas baseadas nos tópicos descritos acima. Em atividade com os alunos de 9º ano em Setembro de 2010, foi escolhido como objeto de análise uma **máquina de calcular** que pertenceu ao Dr. Chagas e é datada de 1940. Os alunos a primeira vista não a reconheceram como máquina de calcular, tampouco sabiam informar sua função e

utilidade. Só após o mediador ter mostrado os números que eles reconheceram que era uma calculadora. Fabricada no México e tão grande que não podemos carregar em bolsas como fazemos atualmente. A análise desse objeto permitiu que o mediador refletisse e destacasse acontecimentos ocorridos nos anos de 1940, década da segunda grande guerra, da fundação do Instituto de Biofísica e da morte do irmão de Chagas Filho, Evandro Chagas. Esse panorama histórico cultural permite que o educador reflita com os alunos acontecimentos do século passado, e os alunos entrem “na História com muito mais facilidade”. A volta no tempo permitiu ao mediador falar não apenas dos acontecimentos, mas da cultura, dos hábitos, das roupas, da alimentação e muito mais das características desse século XX.

Em um segundo momento o mediador passou a analisar com os alunos a **máquina de escrever**, da marca “Halda”, que também pertenceu a Chagas Filho e data da década de 50. Em uma apresentação para alunos do ensino médio, um dos alunos visitantes logo afirmou que essas máquinas não são mais utilizadas, sendo o computador seu principal substituto. Concordo com a afirmação do mediador ao dizer que essa máquina é reconhecida como “Um primo pobre do computador”. Foi conversado com os alunos sobre as dificuldades da utilização dessas máquinas, os ancestrais do computador e as facilidades que hoje existem frente a tarefa da digitação de textos. Ao relatar o ano da máquina, fizemos um panorama da década de 50 no Brasil e no mundo, além de destacar as realizações do Dr. Carlos Chagas Filho nessa década, o que rendeu debates e contribuições de todos os presentes inclusive dos professores que estavam trazendo os alunos para a visita.

Por fim o objeto mais curioso que muitos alunos nunca tinham ouvido falar é o **Gramofone** a marca observada na superfície do aparelho denomina-se “arena polyphone”, uma raridade nos dias atuais. O gramofone é um “retrato vivo” do passado visto que evoluiu para fita cassete e hoje em dia para o CD e até MP5. Ainda é possível reproduzir som nesse aparelho, com uma simples manivela dá-se corda e ele aciona o disco que reproduz a música com o uso de uma agulha metálica. Quando falamos com os alunos que ele é um objeto anterior a vitrola e que depois da vitrola ainda existiu o gravador com a fita cassete os alunos fazem uma série de perguntas e é dessa maneira que abordamos questões referentes ao progresso com destaque ao tempo histórico, ao conceito de evolução, modernidade e presentismo (HARTOG,2006). Conversamos com

eles que o MP3, 4, 5 atualmente representam uma evolução do gramofone, uma espécie de primo rico muito mais moderno. Questionamos a facilidade e dificuldade dos mesmos e percebemos que o progresso permitiu uma série de benefícios como por exemplo ouvir música em qualquer lugar de forma prática e rápida.

Considerações Finais

A realização desse trabalho permite associar uma metodologia da educação patrimonial ao ensino de História o que permite que o aluno entre em contato direto com objetos que recontam parte de nossa História. A análise dessa evolução tecnológica não apenas permite que nossos alunos vivenciem e compreendam a importância da História como a sua ação no mundo. O gramofone presente no escritório do Dr Chagas data aproximadamente dos anos 20 e permite que o mediador realize um panorama do tempo quando Chagas Filho era jovem, gostava de escutar Noel Rosa e se apaixonara por Dona Annah. Esse artigo é resultado de uma pesquisa que não se encerrou após sua escrita e publicação, essa pesquisa é reflexo de uma proposta educacional que tem por objetivo não somente a prática e a transmissão de conhecimentos comuns a todos. Nosso trabalho como educadores representa muito mais do que mera transmissão dos acontecimentos de um passado recente ou distante. Diante das possibilidades de integração das diversas disciplinas escolares no interior do espaço museal somos constantemente desafiados a viver em consonância com o que Carlos Chagas Filho afirmava ser a universidade: *um lugar que se ensina porque se pesquisa*. Nesse sentido vivenciamos o compromisso com a comunidade acadêmica e escolar no sentido da possibilidade de transmissão de ensinamentos referentes a nossa área de atuação. Monteiro escreveu sobre os desafios do ensino de História em museus e permitiu que compreendêssemos como a *experiência com o outro* torna possível um diálogo frente ao ensino de História em museus. Foi através da leitura dessa autora que refletimos sobre o potencial educativo dos museus não somente referente ao ensino de História, mas de todas as outras disciplinas, o que nos permite pensar o ensino interdisciplinar no interior do espaço museal. Penso a utilização dessa metodologia como um primeiro passo para tornar a disciplina História algo bem mais concreto para o aluno visitante do Espaço. Segundo Horta mesmo o “objeto mais comum de uso doméstico ou cotidiano pode oferecer uma vasta gama de informações a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e transformou, dos gostos, valores e preferências de um

grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações sociais.” No entanto a observação direta e o questionamento do objeto, por meio desse roteiro de perguntas organizado pela autora, podem revelar informações que poderão ser expandidas através da investigação de fontes complementares como livros, fotografias, documentos, arquivos cartoriais e eclesiásticos, arquivos de instituições, clubes, associações, arquivos familiares, pesquisas, entrevistas, etc. Procuramos realizar no museu atividades que permitam que o aluno passeie pelo tempo e pelas décadas projetando o seu futuro.

Os educadores e coordenadores que trabalham no Espaço procuram utilizar um ensino interdisciplinar que sirva de modelo e auxilie outros diversos espaços de memória que pensam a educação e recebem alunos da educação básica. Por isso espaços não formais devem propor atividades para acompanhar a proposta da educação formal e de um currículo pós moderno que prevê a problematização do ensino e é entendido como currículo *tempo espaço de fronteira cultural*. Pretendemos por meio desse artigo, expor e refletir nossa prática pedagógica para melhor transmitir o conhecimento ao aluno que visita o Espaço Memorial. Como afirma um grande estudioso do currículo a cerca do advento da pós modernidade: “Nessa ótica, concepções e grandes narrativas que informaram a educação moderna tem seu poder explicativo reduzido e abrem espaço para as pequenas narrativas e as histórias de vida, ou seja, para a flexibilidade do pensamento pós moderno.”(MOREIRA,1998, pg 28).Chagas Filho que certa vez afirmou ter a “Ciência dentro da pele” é um exemplo de superação e dedicação ao estudo e a pesquisa, nesse sentido acaba por servir de inspiração para a divulgação da ciência e da cultura de modo que as pessoas que desejarem dela se apropriar, tenham acesso a metodologias que facilita o aprendizado e avalia constantemente essa prática educativa museal frente ao diálogo com a educação formal.

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Darcy Fontoura de. *Carlos Chagas Filho: do curso de graduação à cátedra de Física Biológica da Faculdade Nacional de Medicina, Universidade do Brasil (1926-1937)*.Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: n. 11 , set.-dez., 2003

BOURDIEU, Pierre 1996 A ilusão biográfica. Em Marieta Ferreira de Moraes e Janaína Amado (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CHEVALLARD, Y. *La transposición didáctica. Del saber sabio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1991.

CHAGAS, Mario. Casas e portas da memória e do patrimônio . *In Revista em Questão*, Vol. 13, No 2, 2007.

FILHO. Carlos Chagas. *Um aprendiz de ciência*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Editora Fiocruz,2000

GIRÃO,Ana Luce. Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho. *In Revista História, Ciência, Saúde Manguinhos*, vol.12, no.1,Rio de Janeiro, Jan./Abr, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: ED. Centauro,2004

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *In Varia História*, Belo Horizonte, Vol 22: Jul 2003, nº36.p. 261-273.

HORTA, Maria Lourdes Parreiras. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

_____.*Educação Patrimonial* Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2003/ep/tetxt1.htm>>. Acesso em: 03 jun. de 2006.
FAZENDA, Ivani C. A. (org). *Didática e interdisciplinaridade*. 6.ed. Campinas. São Paulo: Papirus. 2001.192 p.

_____. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 2.ed. São Paulo: Cortez. 1993. 157 p.

_____. *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. 3.ed. São Paulo: Loyola. 1995. 119 p.

LEVI, Giovanni 1996 Usos da biografia. Em Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 167-182.

MOURA SANTOS, Maria Célia T. A escola e a educação no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante. *In: Repensando a ação educativa e cultural dos museus*. 2 ed. Ampl., Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 2002. 136p.

_____. *Museu, escola e comunidade: uma integração necessária*. Salvador. Sistema Nacional de Museu/ SPHAN/Pró-memória. 1987 215 p.

_____. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. 2. ed. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993. 38 p.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Professores de História – Entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.262 p.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In BTTENCOURT, Circe (Org.).*O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____.Ensino de História: entre História e Memória (capítulo). IN: SILVA,G.V. da; SIMÕES,R.H.S.; FRANCO,S.P.(Orgs.) *História e Educação: territórios em*

convergência. Vitória(ES): GM Gráfica e Editora Ltda e PPGHIS/UFES,2007. 263 páginas; ISBN: 978-85-99510-23-0.(59-80)

_____. Ensino de História e Museus: O diálogo com a experiência do outro. In *Revista do professor do museu da República*. Rio de Janeiro: 2009, vol 2, N.2.p 14-15.

MOREIRA, Antônio Flávio. A crise da teoria curricular crítica. In *O currículo nos limites do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A,1998.p 12-31.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

SIMONNEAUX, L. e JACOBI, D. Language constraints in producing prefiguration poster for Scientific exhibition. In *Public Understand. Sci*. Vol. 6, p. 383-408, 1997.